

DICIONÁRIOS DE GÍRIA

Dino PRETI¹

- **RESUMO:** Após uma rápida introdução sobre o aparecimento da gíria em vários países, apresentam-se alguns subsídios para a sua história, no Brasil. Em seguida, discute-se uma tipologia dos dicionários de gíria e as principais dificuldades encontradas para a sua elaboração.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia; vocabulário popular; gíria; gíria de grupo e gíria comum; dicionários de gíria – problemas para sua elaboração.

Alguns dados históricos

O tema da gíria começa a ganhar projeção no âmbito dos estudos do léxico da língua, porque é inegável a expansão desse vocabulário, em nossa época, notadamente no meio urbano. Há razões de ordem social que poderiam explicar o fenômeno, que não é exclusivamente brasileiro, mas que se expandiu muito em razão, também, do fortalecimento dos regimes democráticos na sociedade moderna, em todo o mundo, particularmente na América, o que veio a diminuir os preconceitos em relação à linguagem popular.

O fato de se terem desenvolvido muito, nas últimas décadas, os estudos sobre a língua falada, em especial com as contribuições da Análise do Discurso, da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional,

¹ Titular de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (aposentado); professor de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP – Brasil.

contribuiu decisivamente para aguçar o interesse dos lingüistas pelo estudo da gíria.

Apesar desse maior interesse recente, a gíria é um vocabulário de todas as épocas e de todos os povos, se lhe atribuirmos o sentido de linguagem de um grupo social determinado. Como manifestação tipicamente oral, porém, não deixa documentos suficientes para datar o seu exato aparecimento, embora sua existência possa ser vislumbrada em muitos povos.

Na França, por exemplo, os primeiros vocábulos gírios documentados remetem à linguagem marginal ou aos mascates, comerciantes ambulantes, na Idade Média; ou são surpreendidos nos versos de um poeta popular, François de Villon, nas suas baladas argóticas dos fins do século XV, obras que, ainda hoje, guardam, em parte, sua natureza criptológica. Quase sempre as referências históricas à gíria francesa (o chamado *argot*) nos levam ao seu uso pelas corporações criminosas que infestaram a nação depois da Guerra dos Cem Anos (cf. Casciani, 1948; Dauzat, 1946).

Também do século XV datam os primeiros documentos gírios italianos, ligados aos principais dialetos da Península (cf. Ferrero, 1972). Na Espanha, talvez mais tardios, começam a aparecer no século XVI, com forte influência do *argot* francês (cf. Dauzat, 1946).

Em Portugal, no século XVI, a obra de Gil Vicente testemunha a existência de muitos vocábulos populares, de natureza gíria, em geral ligados às profissões. E, no XVII, um poeta, D. Francisco Manuel de Melo, arrolou em sua *Feira de anexins* uma série de vocábulos da gíria da época. Os estudos mais significativos sobre o vocabulário gírio português começaram na segunda metade do século XIX e na primeira do XX, quando apareceram ensaios, capítulos de obras, dicionários ou glossários de autores como J. Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Queirós Veloso, Alberto Bessa, Amílcar Ferreira de Castro. Albino Lapa afirma, na introdução de seu *Dicionário de calão* (1974, p.21) que

em 1890, surge uma lista de termos, a maior que até ali tinha aparecido inteligentemente coordenada e identificada. E esse passo se ficou devendo a Queirós Veloso, publicando na *Revista de Portugal* um longo estudo, intitulado "A gíria", com 1355 termos. E daqui em diante fica lançada a verdadeira ciência do calão ou gíria na língua portuguesa.

Nas três últimas décadas do século XX, o maior intercâmbio cultural e lingüístico, resultante, principalmente, da exportação além-mar da no-

vela de televisão brasileira, favoreceu o aparecimento de vocábulos gírios brasileiros em Portugal, apesar da pronta reação dos intelectuais portugueses, muito mais ciosos da unidade lingüística do que os brasileiros.

Eduardo Nobre, em seu *O calão – Dicionário de gíria portuguesa* (1980), fez um primeiro registro dessa contribuição da gíria brasileira, anotando 86 vocábulos que teriam ingressado na linguagem oral popular por meio da novela de televisão, das fotonovelas e da música popular. A propósito da primeira dessas fontes, diz o autor, referindo-se ao que chama de “calão brasileiro”:

No momento presente a densidade de programação televisiva em língua brasileira permite-nos afirmar que as riquíssimas gírias e a expressividade do falar do chamado País Irmão começam a instalar-se no nosso português diário. Não só a riqueza desse vocabulário mas também a imensa popularidade desses programas o garantem. (p.20)

Mas não deixa de lembrar que os jornais “conscientes da proximidade da nova linguagem começaram já a inserir *traduções* dos termos e expressões mais herméticas” (p.21).

O número de vocábulos recolhido pelo dicionarista pode parecer muito pequeno, mas, na verdade, é significativo, levando-se em conta que o fenômeno gírio atende fundamentalmente a uma comunicação dentro de um grupo social específico e geograficamente localizado e, portanto, sua presença seria estranha em ambiente tão distante. Mas trata-se de vocábulos já integrados numa *gíria comum* do Brasil, vulgarizada pela mídia, exportada com as novelas e destinada a uma vida curta fora de seu contexto original.

Subsídios para a história da gíria no Brasil

São bastante nebulosas as origens da gíria brasileira. As línguas africanas e ameríndias, que entraram em nossa formação vocabular, praticamente não deixaram influência na gíria. Ao contrário de Portugal, pequena foi a influência da língua cigana nesse vocabulário, restringindo-se às primeiras décadas do século XX e, com o passar dos anos, pode-se dizer que, praticamente, desapareceu, em virtude da presença cada vez menor desse povo nas cidades brasileiras. O que se pode dizer é que historicamente há um fundo comum entre gíria portuguesa e brasileira, e o fenômeno, como sempre, é de natureza urbana.

Antes do século XIX e, mais propriamente, de suas últimas décadas, há poucos vestígios de gíria em documentos escritos, cabendo lembrar a poesia satírica de Gregório de Matos Guerra, no século XVII. Ainda assim com um número limitado de exemplos, uma vez que devemos distinguir entre os vocábulos eróticos e obscenos, mais frequentes em sua obra, e a gíria propriamente dita.

A partir dos fins do século XIX, com o crescimento das cidades brasileiras, em particular da capital, o Rio de Janeiro, observamos que a gíria começa a fazer parte da linguagem dos grupos sociais, que se vêem retratados pelo teatro realista e pela prosa dos romancistas do naturalismo, principalmente Aluísio Azevedo, no romance *O cortiço*, dada a natureza de seu tema.

O novo século coincide com as reformas urbanas da capital, iniciativa do prefeito Pereira Passos, que parecia atender ao apelo contínuo de Figueiredo Pimentel, em sua coluna "O Binóculo", na *Gazeta de Notícias*, que anunciava: "O Rio civiliza-se!". Nesse novo contexto histórico, a imprensa passa a ter uma participação cada vez maior na vida social e política. Modernizam-se os grandes jornais, alguns já antigos, outros surgidos no novo século. A *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Comércio*, o *País*, o *Jornal do Brasil* e, principalmente, o *Correio da Manhã* ingressam nos anos noventa como empresas jornalísticas importantes. Paralelamente a elas, "surge também um bom número de periódicos, em geral de publicação semanal (ou em determinados dias da semana), sob o formato de revistas ou tablóides que se caracterizam pelos objetivos mais variados: humorismo, crítica de costumes, vida social, letras, teatro, política" (Preti, 1984b, p.10). É "dentro desse contexto heterogêneo da imprensa dos princípios do século que começa a aparecer uma série de tablóides de caráter obsceno, os quais se tornaram conhecidos, então, pelo nome genérico de *imprensa fescenina*" (ibidem, p.12).

Entre essas publicações, caracterizadas por uma linguagem mais livre, pela incorporação da gíria, pelos vocábulos de sentido dúbio, malicioso, podemos destacar *O Coiô*, jornalzinho semanal, surgido em 1901, cujo conteúdo "se dividia entre pequenas narrativas e versos de motivos libertinos, comentários de fundo crítico-humorístico, capítulos de folhetins, piadas, charadas, mexericos, palpites para o jogo do bicho, notícias teatrais e de bastidores, propaganda" (p.13). É nessa publicação influenciada, evidentemente, pela linguagem popular, que encontramos, a partir de 1902, a coluna de José Ângelo Vieira de Brito, escritor de peças teatrais e folhetins, que se ocultava sob o pseudônimo de Bock. Intitulava-se "Dicionário moderno" e nela o autor registrava verbetes liga-

dos sempre ao tema erótico-obscoeno. No texto, é comum o aparecimento de gírias da época, muito embora elas não venham a constar como entradas de novos verbetes, quando não têm um referente erótico, pois o objetivo de Bock era essencialmente registrar os vocábulos que se referiam à vida amorosa e, particularmente, sexual da sociedade carioca de seu tempo.

Em 1903, ainda sob o pseudônimo de Bock, aparece na "Biblioteca de *O Coió*" (que se caracterizava pela publicação de folhetins eróticos), em edição popular, o *Dicionário moderno*, em cuja capa constava um subtítulo bem elucidativo do tipo de vocábulos que a obra continha:

Vocabulário galante ao paladar do povo da lira contendo a tecnologia completa da gíria carioca, significados positivos do calão nacional e maneira especial de dizer as cousas que não se dizem. Especialmente feito para o uso das escolas normais e anormais, e aprovado pelo Conselho Superior de Instrução de Coiós. (Preti, 1984b, p.17-28)

A obra de Bock pode ser considerada o primeiro repositório organizado de gíria brasileira. O texto é uma raridade bibliográfica. Um dos seus exemplares foi descoberto no Brasil pelo lingüista francês Albert Audubert e encontra-se reproduzido na obra *A linguagem proibida* (Preti, 1984b).

Nas primeiras décadas do século XX, há outros textos que, embora não tratem especificamente de gíria, demonstram que esse vocabulário estava presente na linguagem da época e começava a entrar, também, na literatura. Assim, o romancista Lima Barreto, embora não fizesse uso dela sistematicamente, chegou a nomear uma de suas obras com um vocábulo da gíria da época. Trata-se da sátira social e política denominada *Os bruzundangas* (1923). O vocábulo significava "trapalhadas", "confusões", "palavreado confuso", de onde surgiu a idéia da "república das bruzundangas", alusão ao Brasil, país das trapalhadas, tema do livro.

Exemplos como o de Lima Barreto e de outros autores do princípio do século XX não nos permitem afirmar, contudo, que essas palavras já estivessem lexicalizadas, pois os dicionários da época ainda não lhe davam acolhida. Os vocábulos, porém, deveriam estar em uso na linguagem dos boêmios, da gente de teatro, dos sambistas, dos moradores dos morros e favelas, da polícia, dos marginais, e até do povo em geral, pois sua presença é comprovada em textos escritos do jornalismo popular.

Nessa mesma época, uma colaboração importante para a história de nossa gíria é a obra de Raul Pederneiras, *Geringonça carioca – verbetes para um dicionário de gíria*, concluída em 1910, mas só publicada em 1922.

Até o surgimento de *A gíria brasileira*, dicionário elaborado pelo filólogo Antenor Nascentes, em 1953, há trabalhos esparsos de recolha, alguns mais amplos, como o *Dicionário da gíria brasileira*, de Manuel Viotti (1945), depois reformulado, na 3ª edição para *Novo dicionário de gíria brasileira* (1957) e outros menores e mais específicos, em geral referentes à gíria da polícia, dos marginais do crime ou da malandragem. Entre esses (às vezes, pequenos vocabulários em artigos de revistas), lembraremos as contribuições de Elísio de Carvalho (*A gíria dos gatunos cariocas*, 1912), Olinto Nogueira (*Tratado de polícia e detetive*, s.d.), Antenor Nascentes (*O linguajar carioca em 1922*, 1922), Francisco da Silveira Bueno (*A gíria dos malfeitores*, 1948) e Coriolano Nogueira Cobra (*Linguajar de criminosos e policiais*, 1949).

Esses textos não revelam preocupação lexicográfica, cientificamente considerada. Sua posição preconceituosa em relação à gíria fica bem marcada, até mesmo na denominação *linguajar*, que nomeia muitos desses vocabulários.

A gíria da malandragem e das favelas cariocas aparece também na música popular brasileira, mais ou menos a partir dos anos 30, com a figura do sambista de morro.

Noel Rosa, o poeta e compositor da Vila Isabel, é o primeiro a valorizar essa linguagem, em seus sambas, em oposição ao português de Portugal. Ele observa que a gíria da capital tinha sua origem nos morros e, depois, espalhava-se pela linguagem comum da cidade:

A gíria que o nosso morro criou
bem cedo a cidade aceitou
e usou.
Essa gente hoje em dia
que tem a mania da exibição
não se lembra que o samba
não tem tradução no idioma francês.
Tudo aquilo que o malandro pronuncia
Com voz macia
é brasileiro,
já passou de português. (Noel Rosa, *Não tem tradução*, 1936)

A partir da década de 1960, a própria evolução da sociedade urbana brasileira propiciaria um crescimento considerável do uso da gíria nas

idades grandes. Não só a música popular, mas também o cinema e o teatro; a imprensa; o rádio e a televisão; a propaganda; os grandes esportes, como o futebol; os centros de diversão, como o “mundinho” noturno e as casas de danças criaram seu vocabulário típico, às vezes verdadeiros códigos fechados, em constante transformação, para manter a originalidade e preservar o signo identificador do grupo social.

O interesse pelo estudo da gíria cresceu, a recolha de vocábulos se intensificou e, além de dicionários, alguns regionais, misturando falares típicos de certas regiões com vocabulários de grupos sociais restritos, aparecem estudos do fenômeno gírio despojados dos velhos preconceitos, natural consequência, também, das novas correntes lingüísticas, em especial da sociolingüística, com a teoria referente às variações representadas pelos dialetos sociais.

Valeria lembrar, entre outros, *A linguagem da juventude* (Rector, 1975), *A gíria e outros temas* (Preti, 1984a); *A linguagem proibida* (Preti, 1984b); *Gíria: vulgarização de um signo de grupo?* (Cabello, 1989); *A fala dos jovens* (Rector, 1994); *A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol* (Feijó, 1994); *A gíria da cidade grande* (Preti, 1996), além dos dicionários, como *Dicionário de gíria – gíria policial, gíria humorística, gíria dos marginais* (Silva, s.d.); *Dicionário de expressões populares brasileiras* (Franco, s.d.); *Dicionário dos marginais* (Tacla, 1968); *Dicionário da gíria brasileira* (Silva, 1973); *Dicionário do palavrão e termos afins* (Souto Maior, 1980); *Dicionário de gíria – modismo lingüístico – o equipamento falado do brasileiro* (Serra e Gurgel, 1990).

Em todas essas obras, mesmo quando não se apresentam, especificamente, como dicionários, embora possuam algum levantamento de vocábulos, o grande problema tem sido encontrar um critério lexicográfico mais rígido, que dê conta da seleção lexical, dentro de um conceito prefixado de *gíria*.

Os dicionários de gíria

Numa concepção genérica, podemos entender o dicionário de língua como um conjunto funcional de vocábulos, contendo “um material capaz de constituir o componente lexical de uma gramática, de formar um código apto à produção de mensagens em número ilimitado” (Rey, 1977, p.67). Quando não cumpre essas funções, o dicionário pode cons-

tituir-se apenas de um subconjunto lexical de finalidades restritas, tornando-se mais um simples vocabulário:

Assim, o projeto lexicográfico pode selecionar no léxico de uma língua um ou vários vocabulários caracterizados por um traço semântico e/ou pragmático (isto é, sociocultural). É o caso de todos os dicionários e vocabulários técnicos ou consagrados a uma especialidade. (Ibidem)

O dicionário de gíria corresponderia a esses subconjuntos lexicais. Sua elaboração se prende a um critério sociocultural, exclusivamente pragmático, restrito ao seu funcionamento no grupo social a que se refere. Não tem, pois, aquelas características funcionais de um dicionário de língua:

Um dicionário de gíria (ou um dicionário de linguagem rebuscada, perfeitamente imaginável) descreve também um conjunto não funcional: o falante de gíria não encontrará nele, evidentemente, os elementos de maior frequência de seu discurso, os quais pertencem à zona não-marcada de seu léxico. (Ibidem, p.68)

A oposição entre o chamado dicionário de língua e o dicionário de gíria não depende do número de verbetes de seu *corpus* lexical, mas sim, fundamentalmente, do processo de constituição e seleção dos vocábulos.

A gíria, conforme sabemos, pode não estar ausente dos dicionários de língua (principalmente dos mais modernos). Essa variante lexical, em geral, é ligada a situações de comunicação menos formais ou a interlocutores menos cultos, razão pela qual os vocábulos gírios, frequentemente, vêm rotulados com outras rubricas, como *vulgar*, *popular* etc. Do ponto de vista lingüístico, essa classificação não corresponde a uma verdade e é simplesmente inadmissível, pois externa um julgamento pessoal do lexicógrafo, não raro motivado por estereótipos que associam a gíria à irreverência dos jovens ou à marginalidade.

Os dicionários de língua pressupõem uma linguagem culta como base para a indicação de outras variantes lexicais, que correspondem aos vários níveis socioculturais dos falantes. Os verbetes costumam ser abonados com exemplos de autores consagrados ou com variantes de uma linguagem comum, média, representada pelo uso da mídia. Mas pesa, sobretudo, a experiência pessoal do próprio lexicógrafo:

Os lexicógrafos que não têm outra medida além de seu sentimento lingüístico e sua cultura concordam que o nível de língua representado pela

imprensa cotidiana e semanal, as revistas especializadas, corresponde muito bem ao nível médio da comunidade lingüística. Mas seus critérios são indecisos e subjetivos. (Guilbert, 1969, p.20)

Por outro lado, esse léxico dos dicionários de língua não privilegia uma perspectiva diacrônica nem sincrônica, "mas se fundamenta sobre um compromisso entre as duas perspectivas, ou ainda se pretende acrônico pela referência a uma língua ideal" (Guilbert, 1969, p.20).

Os dicionários de gíria não possuem um referencial básico, como os de língua, para decidir sobre o *corpus*, de natureza oral. Utilizam-se de uma documentação escrita limitada e insuficiente, em geral constituída de textos de autores cujos narradores e personagens representam mais livremente a oralidade ou, ainda, de textos da imprensa popular. A experiência lingüística do dicionarista, em geral, predomina na escolha e análise dos vocábulos, ao lado da contribuição de vocabulários que documentam a linguagem de grupos e que são incorporados ao dicionário.

Os dicionários de gíria são obras de objetivos restritos. Ao contrário dos dicionários de língua que, pelas suas proporções e tiragem, atendem a objetivos culturais muito amplos (e, também, muitas vezes, predominantemente comerciais), os dicionários de gíria constituem empreendimentos pouco sedutores às editoras e surgem em edições restritas. Sua utilidade é circunstancial e, não raro, objeto de mera curiosidade dos consulentes. Apesar disso, esses trabalhos, quase sempre de pequeno rigor lexicográfico, trazem uma contribuição importante para o conhecimento de algumas facetas da cultura popular e da vida marginal, como a linguagem dos estudantes; dos grupos musicais, dos clubes e danceterias da noite; do mundo fechado dos tóxicos; da malandragem, do crime e das prisões; da polícia e dos quartéis; dos esportes de massa; enfim, da vida íntima de todos os grupos sociais fechados.

Com um *corpus* tão diversificado, a tarefa primeira seria a de selecionar os vocábulos, dentro de uma concepção mais limitada do fenômeno gírio:

Quando falamos em gíria, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolingüístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. No primeiro caso, estão os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos pontos de encontro nos *shoppings*, à universidade, etc.; no segundo, estão os grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o ho-

mossexualismo, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc.

Uma segunda perspectiva, a da *gíria comum*, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem divulga-se, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário comum, perdendo sua identidade inicial. (Preti, 1996, p.139-40)

No prefácio que escreveu para *Geringonça carioca* (um pequeno dicionário com cerca de 1.700 vocábulos), Raul Pederneiras (1922, p.3) declara que procurou trabalhar com o vocabulário de determinados grupos sociais da cidade do Rio de Janeiro, “porque, muitas vezes, generalizada pela freqüente publicidade, a geringonça perde o caráter de classe e se integra no falar comum do povo inculto”.

O autor, de fato, baseado na experiência de seu cargo na polícia, durante o governo Campos Sales, “na paciente observação dos costumes cariocas” e em monografias ligeiras da época, realizou o dicionário com três fontes diferentes:

A *capoeira*, que se fundiu com a gíria vadia e o vulgacho, penetrando na retórica parlamentar;

A cigana, quase apagada, a resistir ainda em pontos afastados de arbaldes e subúrbios;

A ladra, mais impenetrável e de uso quase exclusivo da parte pernicioso do elemento estrangeiro. Desta, muitos termos também passaram para o uso comum com a divulgação dada pelos jornais. (p.4)

É interessante observar que a primeira dessas fontes, o vocabulário da capoeira, vem associada ao uso lingüístico de políticos:

A vida quase em comum dos politíqueiros e demagogos de antanho com os capoeiras estabeleceu uma permuta de vocábulos; lugares comuns, chapas parlamentares, eram adotadas ou adaptadas pelos capadóciós, os tropos da retórica dos pais da pátria transferiam-se para o vocabulário dos pernósticos guarda-costas. (p.3)

Essas palavras nos permitem concluir que o autor adotou em sua seleção lexical fontes bem determinadas (até secretas) e, por isso, sua obra caracteriza com relativo rigor um dicionário de gíria de grupo. E, freqüentemente, ao longo da obra, existem indicações que a identificam com a proposta da introdução, conforme estes exemplos:

Primo – o pai da noiva, sogro da noiva (gíria cigana).

Michas – notas falsas (gíria ladra).

Rasteira – golpe de capoeira com o pé.

Mas os autores de dicionários gírios optam, quase sempre, por uma recolha de *gíria comum* e, nessa decisão, a gíria é confundida com vocábulos obscenos, com regionalismos, com modismos populares efêmeros. Perdida a sua condição de *signo de grupo*, elemento identificador, que faz parte do processo de auto-afirmação do falante no grupo social, a gíria se dilui na linguagem comum. A rigor, nessa etapa, na sua condição de vocabulário não-marcado, a gíria poderia mesmo ser simplesmente classificada de *linguagem comum*. Sua identificação exigiria o conhecimento de uma fase diacrônica do processo lexical, devida a textos ou à experiência pessoal do lexicógrafo. A gíria é um vocabulário do momento. Raramente persiste, embora possa ressuscitar e tornar-se moderna novamente.

Alguns estudiosos entendem que a verdadeira gíria possui uma condição criptológica inerente e, quando divulgada pelos dicionários... deixa de ser gíria (cf. Caradec, 1988).

Se um bom número de especialistas admite, hoje, a existência da *gíria comum*, que seria "representativa da osmose que sempre existiu entre a gíria e a linguagem comum" (François-Geiger, 1991, p.8), é forçoso reconhecer que uma seleção lexical se torna bem mais difícil e problemática, a ponto de podermos afirmar que os dicionários de *gíria comum* não conseguem estabelecer os reais limites de seu *corpus* e a seleção fica dependendo quase exclusivamente da impressão pessoal e dos julgamentos subjetivos de seu autor.

Essa indefinição do *corpus* fica patente num dos mais rigorosos dicionários de gíria, no que se refere à descrição e documentação dos vocábulos: *A gíria brasileira*, do filólogo Antenor Nascentes, com aproximadamente 2.700 vocábulos. Os verbetes são abonados com textos literários de autores de prestígio, como Lima Barreto, com opiniões de outros dicionaristas, como Raul Pederneiras, Manuel Viotti, e com fragmentos de textos jornalísticos. Mas não há indicações sobre o critério com que foi feita a seleção dos vocábulos. Em seu prefácio, em que se desculpa por ter lexicalizado "termos mais ou menos crespos", sob a alegação de que "em ciência e arte não há imoralidades", explica Nascentes (1953, p.VII):

Não dei à palavra gíria o sentido técnico. Dei-lhe o comum.

Assim pois, incluí na gíria, ao lado da linguagem secreta dos malfeitores (ladrões, malandros, capoeiras, etc.), a terminologia especial de certas classes, de certas profissões lícitas, o conjunto de termos particulares, mui-

tas vezes cômicos, usados por certos grupos sociais, como o dos estudantes, o dos atores, o dos esportistas, o dos jogadores, o dos tipógrafos, o dos soldados etc.

Dentro dessa mesma filosofia, mas com uma recolha bem maior está o *Novo dicionário de gíria brasileira*, de Manuel Viotti. Trata-se de um volume de quinhentas páginas, que pretende abranger não só brasileirismos, regionalismos, ditos, frases feitas, provérbios, modismos, mas também “a gíria de todas as atividades humanas: dos músicos, dos militares, dos estudantes, dos artistas, do jornal, do rádio e televisão, dos esportistas, do futebol, turfe etc.”, além de trazer um anexo com vocabulário cigano e vocabulário quimbundo.

Sobre a amplitude de seu dicionário, Viotti confessa, no prefácio da terceira e última edição (1957), que desejaria ter procedido a uma revisão rigorosa da obra que pretendia “ser uma coletânea de palavras não dicionarizadas”. Mas na altura dessa edição, boa parte dos vocábulos já estava consignada em outros dicionários e, portanto, cumpria ser excluída. Tal providência, porém, “obrigaria o autor a trabalhos para os quais não o habilitava, no momento, a saúde precária, sem falar na idade avançada” (p.IX). Essa preocupação do autor com o ineditismo do *corpus* mostra a seriedade do seu trabalho.

Assim, apesar da abertura do *corpus*, que põe em risco o próprio título da obra, o dicionário de Viotti é, ainda hoje, o texto de maior rigor e prestígio para o consulente de gíria. O próprio Nascentes, filólogo de nome, na explicação de seus verbetes, cita, com freqüência, a primeira edição da obra, porque Viotti, não raro, tenta a explicação etimológica dos vocábulos e a história de seu sentido. É o primeiro dicionário de gíria que registra, além dos textos que lhe serviram de pesquisa, a contribuição de informantes, relacionados após a bibliografia, o que dá a idéia da extensão do projeto do autor que, como Raul Pederneiras, era professor de Direito.

Outro problema dos dicionários de gíria é a evolução semântica dos vocábulos. Como se trata de um *corpus* que se refere à língua oral, a documentação escrita existente é precária e ocasional. Mais uma vez, é a competência do lexicógrafo que irá decidir sobre os significados. Mas, com muita freqüência, a intuição trabalha aliada à imaginação e os resultados não são confiáveis. O depoimento pessoal de falantes idosos é uma forma de resolver, às vezes, certos problemas intrincados. Por exemplo, o vocábulo *urucubaca* sempre nos intrigou pela sua formação e significado atual: do tupi *urucu* (fruto do qual os indígenas retiravam

uma tinta vermelha com a qual tingiam o corpo) e sufixo *-aca* (malcheiroso, conforme outros vocábulos, como *babaca*). Como é que essa associação poderia dar o significado de “azar”, “mau olhado”, registrado pelos dicionários (cf. Raul Pederneiras, Antenor Nascentes etc.)? Só Manuel Vioti (1945) registra o significado de “febre eruptiva”, importante para tentarmos estabelecer a evolução semântica do vocábulo.

Sabemos que o vocábulo se tornou conhecido na primeira década do século XX. Seu primeiro registro escrito ocorre na transcrição do discurso de Rui Barbosa, no *Correio da Manhã* de 15.12.1914, em que o orador usava o vocábulo (cf. Passos, 1973, p.97; Leda, 1966, p.210): “o inquérito não nos diz se lhe suspenderam, por cima ou por baixo, a figa do costume contra a urucubaca”.

Recentemente, num diálogo gravado do *corpus* do Nurc/SP por um idoso de 86 anos, que recordava a epidemia de gripe espanhola, ocorrida na primeira década do século XX, encontramos maiores subsídios para uma tentativa mais racional de explicar o significado do vocábulo e a ligação com sua etimologia. De fato, o falante recorda que a doença era conhecida pelo nome de *urucubaca*. Provavelmente, cremos, pela vermelhidão provocada pela febre alta e pelo mau cheiro exalado pelo doente com erupção. Nessa época, conta-nos o informante, vulgarizou-se uma canção popular, cujos versos diziam: “O meu boi morreu/ O que será da vaca?/ Pinga com limão, maninha/ cura urucubaca”. Parece, agora, compreensível que “ter urucubaca”, isto é, ter sido atingido por essa febre mortal, significaria, também, “ter um grande azar”, daí a contaminação semântica. Passada a epidemia, o vocábulo ficou apenas com o segundo sentido e derivados.

Estendemo-nos na análise, a fim de demonstrar as complicadas estratégias para explicar-se a evolução semântica dos vocábulos gírios. O exemplo visto não é um caso isolado. Trata-se de uma dificuldade permanente e nem sempre possível de resolver. Em nossa análise tivemos de recorrer a dicionários e ao depoimento de um falante da época, para chegarmos à provável etimologia e evolução semântica do vocábulo. Mas nada nos assegura que encontramos a solução definitiva do problema.

Como linguagem de um momento histórico, torna-se muito difícil conhecer a origem, o significado e a evolução semântica da gíria, principalmente no caso de vocábulos em desuso ou pouco usados. Daí a estratégia de recorrermos, ora ao depoimento falado de um idoso, como se costuma fazer hoje, também numa nova vertente da ciência histórica, ou seja, na História Oral; ora a fragmentos de textos, como transcrição

de discursos, matéria de jornais, principalmente, de publicações populares, aparentemente sem importância histórica.

A organização dos dicionários de gíria nem sempre está na mão de lingüistas ou lexicógrafos. Se o vocabulário se limita a uma linguagem de um grupo social determinado, como os marginais ou agentes de polícia, por exemplo, é comum os autores serem pesquisadores, curiosos da linguagem ligados às áreas estudadas que, de repente, se tornam autores dos dicionários ou de simples relações de vocábulos técnicos relativos à atividade descrita. Mas, ainda, mais comuns são as contribuições de jornalistas que realizam matéria sobre os grupos sociais e acrescentam o vocabulário típico usado por eles. Dessa maneira se divulgou a grande maioria dos vocabulários das prisões, das bandas jovens, dos estudantes, dos meninos de rua, dos ambientes urbanos da noite, dos toxicômanos etc. Somente assim, na dinâmica social dos grupos, é possível recolher inúmeros vocábulos, neologismos, cujo sentido só pode ser conhecido pelo falante comum, graças, por exemplo, a uma reportagem jornalística.

Seria difícil enumerar aqui as contribuições nesse sentido, mas, no caso dos pesquisadores de áreas específicas, lembraríamos, entre outros, Mário Souto Maior que, com suas muitas recolhidas de textos e depoimentos orais, realiza um trabalho extremamente importante, embora, muitas vezes, não estejam bem definidos em suas obras os limites entre Folclore e Lingüística. Da mesma forma, valeria a pena lembrar outros trabalhos, como *Geringonça do Nordeste – a fala proibida do povo* (Queiroz, 1989); *A gíria brasileira – dos marginais às classes de elite* (Saraiva, 1988); *Dicionário do baianês* (Sariú, 1991); *Investigação policial – teoria e prática* (Rocha, 1998), com um vocabulário de gíria ligada ao crime e às contravenções penais.

Poderíamos lembrar, por último, dois dos mais freqüentes problemas dos dicionários de gíria, devidos ao desconhecimento das normas lexicográficas: a entrada dos vocábulos e a exemplificação inventadas pelos autores.

No primeiro, a orientação deveria seguir os princípios já estabelecidos pela lexicografia e empregados na elaboração dos bons dicionários de língua. Caso contrário, corre-se o risco de o consulente não encontrar o vocábulo que procura, o que ocorre sempre com expressões em que o dicionarista não sabe escolher a palavra básica para a cabeça do verbebe. Vejamos um vocábulo como *rato*. Antenor Nascentes registra:

Rato: ladrão de alfândega. Atua nos armazéns aduaneiros, infestado geralmente de ratos que roem as mercadorias. *Rato de hotel*, ladrão que

atua nos hotéis, de noite, como os ratos. A expressão vem do *argot*. *Verifiquei então que tinha sido roubado. A minha visitante era apenas um rato de hotel.* (Rodrigo, *Coração aberto*, p.124). Freqüentador assíduo de bibliotecas, sacristias, altares, teatros, etc. *Rato de feira*, ladrão que atua nas feiras.

Já Serra e Gurgel anota:

Rato, ladrão. "O cara é o maior rato da Bahia".

E depois registra, separadamente, em outros seis verbetes, *rato branco*, *rato de esquina*, *rato de hotel*, *rato de igreja*, *rato molhado*, *rato de praia*.

O tratamento dado por Nascentes está conforme as normas lexicográficas; o segundo inclui, erradamente, em cabeça de verbo, seis sintagmas cuja base continua sendo sempre *rato*, as quais deveriam figurar como variantes de uso do vocábulo básico.

No que se refere à invenção de exemplos pelos autores para abonar os verbetes, encontramos, muitas vezes, frases desprovidas de sentido, porque desprovidas, também, de um contexto. Não foge à regra, até em obras de certo fôlego, como a de Serra e Gurgel, esse tipo de exemplificação:

Laranja: pessoa que substitui outra em muitas situações. "O cara é um laranja".

Jega: cama. "Gosto de uma jega".

Figurinha difícil: pessoa que quer ser importante. "Que figurinha difícil".

Nota-se que os exemplos são absolutamente desnecessários.

Esta breve visão sobre o problema da gíria e da elaboração de dicionários especializados no assunto permite-nos supor que, com o aumento de interesse por esses estudos, também será possível aperfeiçoar os métodos de pesquisa, para melhor selecionar os *corpora* e, também, obedecer mais aos princípios lexicográficos.

Os autores que citamos, aqui, apesar de tudo, realizaram e alguns continuam realizando um trabalho bastante importante, para lançar as bases de uma lexicografia de fundo popular que tende a aprimorar-se, pelo incentivo, pela crítica construtiva – como aqui tentamos fazer – pelo número crescente de estudiosos, agora, também, dentro dos meios universitários, até há pouco tempo absolutamente indiferentes a esse tipo de pesquisa.

- **ABSTRACT:** *After a brief introduction to the origin of slang in various countries, this article puts forward some elements for the history of slang in Brazil. It also discusses a typology of slang dictionaries and the difficulties encountered in compiling them.*
- **KEYWORDS:** *Lexicography; popular vocabulary; slang; slang in restricted groups and ordinary slang; slang dictionaries – problems in their elaboration.*

Referências bibliográficas

- BUENO, F. S. A gíria dos malfeitores. In: *Arquivos da Polícia Civil de São Paulo (São Paulo)*, v.14, 1º sem. de 1948.
- CABELLO, A. R. G. *Gíria: vulgarização de um signo de grupo?* Assis, 1989. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- CARADEC, F. *N'ayons pas peur des mots. Dictionnaire du Français Argotique et Populaire*. Paris: Larousse, 1988.
- CARVALHO, E. A gíria dos gatunos cariocas. In: *Boletim Policial*. Rio de Janeiro: 1912.
- CASCIANI, C. Histoire de l'Argot. In: DE LA RUE, J. *Dictionnaire d'Argot*. Paris: Flammarion, 1948.
- COBRA, C. Linguajar de criminosos e policiais. *Investigações (São Paulo)*, n.1 - 7, jan.-jul. 1949.
- DAUZAT, A. *Les argots*. Paris: Delagrave, 1946.
- FEIJÓ, L. C. S. *A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1994.
- FERRERO, E. *I gerghi della malavita*. Verona: Mondadori, 1972.
- FRANCO, C. *Dicionário de expressões populares brasileiras*. São Paulo: Unidas, s.d.
- FRANÇOIS-GEIGER, D. Panorama des Argots Contemporains. *Langue Française (Paris)*, n.90, 1991.
- GUILBERT, L. Dictionnaires et Linguistique: Essai de Typologie des dictionnaires monolingues contemporains. *Langue Française (Paris)*, n.2, mai 1969.
- LAPA, A. *Dicionário de calão*. 2.ed. Lisboa: Editorial Presença, 1974.
- LEDA, J. *Vocabulário de Rui Barbosa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bruno Bucci, 1966.

- NASCENTES, A. O linguajar carioca em 1922. *Revista do Brasil (Rio de Janeiro)*, 1922.
- _____. *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1953.
- NOBRE, E. *O calão*. Dicionário de gíria portuguesa. Lisboa: Casa do Livro, 1980.
- NOGUEIRA, O. *Tratado de polícia e detetive*. Rio de Janeiro: s.n., s.d.
- PASSOS, A. *A gíria baiana*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.
- PEDERNEIRAS, R. *Geringonça carioca*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do *Jornal do Brasil*, 1922.
- PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1984a.
- _____. *A linguagem proibida – um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984b.
- _____. *A gíria da cidade grande*. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade (São Paulo)*, v.54, jun.-dez. 1996.
- QUEIROZ, G. *Geringonça do Nordeste – a fala proibida do povo*. Natal: Clima, 1989.
- RECTOR, M. *A linguagem da juventude*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- REY, A. *Le lexique: Images et modèles – du Dictionnaire à la Lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1977.
- ROCHA, L. C. *Investigação policial – teoria e prática*. São Paulo: Saraiva, 1998.
- SARAIVA, G. *A gíria brasileira – dos marginais às classes de elite*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- SARIÚ, N. *Dicionário de baianês*. Salvador: s.n., 1991.
- SERRA E GURGEL, J. B. *Dicionário de gíria – modismo lingüístico – o equipamento falado do brasileiro*. Brasília: s.d., 1990.
- SILVA, E. C. *Dicionário da gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.
- SILVA, F. *Dicionário de gíria – gíria policial, gíria humorística, gíria dos marginais*. São Paulo: Prelúdio, s.d.
- SOUTO MAIOR, M. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Recife: Guararapes, 1980.
- TACLA, A. *Dicionário dos marginais*. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- VIOTTI, M. *Novo dicionário de gíria brasileira*. 3.ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Tupã, 1957.